

BELO HORIZONTE, MG, 12 DE DEZEMBRO DE 1997

*Senhor Governador Eduardo Azeredo; Senhores Ministros Arlindo Porto e Paulo Paiva; Meu querido amigo, Prefeito Célio de Castro; Senhores Parlamentares; Senhor Arcebispo, Dom Serafim; Senhor Presidente da Assembléia; Senhor Desembargador, Presidente do Tribunal; Enfim, meus amigos, minhas amigas aqui presentes, nesta manhã tão plena de significado para todos nós – me perdoem – não só belo-horizontinos e mineiros, mas para todos nós, brasileiros,*

Que as minhas primeiras palavras sejam a expressão do sentimento do Brasil, de alegria por Belo Horizonte, de alegria por este centenário, pelo que aqui foi feito, pelos que aqui nasceram, pelos que aqui trabalham, enfim, por toda essa gente mineira, belo-horizontina e brasileira, que tem construído uma cidade.

É um prazer, realmente, estar aqui em Belo Horizonte, hoje, nesta manhã, escutar o Prefeito Célio de Castro e, depois, o Governador e, ao ouvi-los, perceber que por eles falavam os mineiros todos, os belo-horizontinos todos. O discurso do Prefeito, eu fiz a indelicadeza de perguntar quem tinha feito o discurso – foi ele. E sente-se, imediatamente, na ma-

neira tão pessoal, tão peculiar, pela qual o Prefeito Célio de Castro expressou o sentimento dos belo-horizontinos, o espírito do mineiro.

E esse espírito veio reforçado pelas palavras do Governador Eduardo Azeredo, o qual, para me deixar ainda com mais uma espécie de saudade por antecipação, de nostalgia, vem me dizer que nasceu aqui. Eu não posso dizer isso. Mas, como Presidente do Brasil, que nasci no Rio, mas que pertencço hoje a São Paulo e, hoje, espero, a Belo Horizonte, a Minas, como parte do Brasil inteiro que está, aqui, curvado diante de Belo Horizonte pelos seus êxitos, pelas suas realizações. E depois de ter ouvido o que ouvi do Prefeito e do Governador, não cabe dúvida de que, realmente, o que disse o Governador é certo: aqui é uma síntese de Minas Gerais. Mas eu vou mais longe: é uma síntese do Brasil.

Sempre tive uma grande paixão pela cidade, pelo fenômeno urbano. Por mil razões. A cidade é a terra da liberdade. Uma cidade nasce, no mundo moderno, quando existem algumas características. Cidade não é só um casario, há muitos casarios. Antes do mundo contemporâneo, havia aglomerados importantes, mas eles só eram cidades, só tinham a condição de *civitas*, de *pólis*, quando esse casario fosse a expressão de algumas outras realidades sociais e humanas. Uma é o mercado. A cidade nasce como um lugar de troca e, portanto, de convivência.

Não pode haver troca se não há uma relação, se não há uma convivência. E a cidade, quando nasce como lugar de mercado, lugar de troca, como convivência, ela se opõe, muitas vezes, à fortaleza, se opõe ao palácio, se opõe à muralha. É verdade que houve cidades com muralhas, mas a cidade tem uma outra característica, além do mercado, além da convivência e da relação necessária que é trazida pelo mercado: é que a cidade existe quando existe direito, quando existe regra e quando essa regra começa a se universalizar. Portanto, quando há dois dos maiores valores do mundo contemporâneo: um é a igualdade, as regras têm que ser iguais, e o outro é a liberdade, pois a cidade se opõe ao castelo, se opõe àqueles que oprimem. A cidade é a pátria da liberdade, é a pátria da igualdade, é a pátria da convivência, é a pátria do mercado.

Então, o fenômeno urbano é contemporâneo da nossa civilização, daquilo que nós temos de mais caro nos nossos valores, é o que se

materializa nas cidades. Existem muitos estudos sobre cidades. No caso do Brasil, e eu sempre me refiro a essas obras, existe uma obra admirável do Sérgio Buarque de Holanda que se chama *Raízes do Brasil*. E lá existe um capítulo muito bonito sobre cidades, no qual ele faz um contraste entre a cidade portuguesa, lusitana, e a cidade espanhola, nas Américas, e diz que a cidade espanhola, cidade ibérica, é uma cidade que mostra a vontade, a vontade imperial. A cidade é quadrada, tem a praça maior, as ruas são perpendiculares e vê-se ali uma vontade de dominar a natureza. A cidade quase se contrapõe à geografia. E, diz ele, a cidade portuguesa não é assim. Ela se espraia preguiçosamente. Cidade portuguesa é mais desordenada, geralmente ela sobe ladeira acima. E ela é um emaranhado de ruas. Não se percebe nela, diretamente, uma oposição à geografia, nem se sente de imediato na cidade a vontade do poder, porque a vontade da população se sobrepõe à vontade do poder.

E é curioso que, ainda agora, os que têm essa experiência, quando subiram de Coimbra, das regiões portuguesas, e entraram na Espanha, a primeira cidade que vão encontrar chama-se Ciudad Rodrigo. E o contraste é imediato. Ciudad Rodrigo é linda, é imponente, mas é fria, é distante, tem ordem. As nossas são mais desordenadas. Não pude ser prefeito – tentei –, mas os que são prefeitos, ou os que vivem nas cidades, que lidam com o cotidiano da administração, sabem que a cidade é desordenada no Brasil. Ela é desordenada na América portuguesa, mas isso é vida.

E aqui, em Belo Horizonte, nós vamos encontrar a síntese disso tudo. Porque é cidade planejada, como já foi dito aqui, cidade como Brasília, como Washington, como Goiânia, como algumas outras mais. Portanto, é uma cidade que começa a existir antes de ela própria ser. Ela existe como pensamento, como projeção, como vontade antes de ser um fato físico e, por conseqüência, ela tem um desenho. E esse desenho poderia dar a impressão de que se impõe à geografia, de que ele, por conseqüência, é a expressão da vontade do Estado ou da vontade de um conjunto organizado da população e, de fato, assim é.

Mas nunca conseguiu, como nenhuma das nossas cidades, por mais planejadas que sejam, nunca conseguem ser, realmente, cidades

no sentido típico da cidade onde há ordem no mau sentido da palavra, onde tudo está no seu lugar, mas ninguém se sente à vontade. Belo Horizonte é o oposto disso. O planejamento de Belo Horizonte foi imediatamente absorvido pela geografia, e se alguém imaginou que as montanhas de ferro aqui perto seriam apenas molduras se enganou, porque logo seriam apropriadas pela população, logo se transformariam no contorno, no entorno, em parte da cidade. Imediatamente, aquilo que poderia parecer distância, que é a ordem, aparece como vida, que é o prazer de estar desfrutando da cidade e, imediatamente, vem esse outro lado ressaltado pelo Prefeito Célio de Castro, da emoção. Aqui, portanto, se fundem a razão, a lógica da construção, o plano – é só ir aqui, ao lado, e verificar uma bonita planta da cidade, as primeiras casas, aqueles que planejaram, as primeiras famílias – mas logo se vêem, em seguida, a emoção, o gosto de viver aqui, a satisfação que temos, todos nós, belo-horizontinos ou não, ao chegar aqui, porque imediatamente nós nos sentimos capturados pelo espírito da cidade. E aí já não é mais a razão abstrata. Aí já não é mais a lógica da necessidade de uma capital que nasce administrativa. Aí já é outra coisa, a alma da cidade começa a aparecer e começa, portanto, a corroer aquilo que poderia parecer a projeção de um futuro mais rígido, que está transformado num presente que é vivificado de uma maneira simpática, de uma maneira agradável. Nesse sentido, Belo Horizonte é símbolo e é imbatível.

Alguma vez, Malraux, quando esteve em Brasília, fez declarações belíssimas sobre Brasília, como cidade do futuro, aquela cidade alada que lá estava, que apresentava todos os sinais do novo século. Belo Horizonte não nasceu assim. Nasceu no século passado e nasceu, talvez, timidamente. E, não obstante, poucas décadas depois, já participava ativamente como um espírito criador, como alguma coisa próxima, como aqui foi dito, também, do modernismo brasileiro. E, mais tarde, esse modernismo está aí para o nosso gozo, para o nosso prazer, na Pampulha, só para citar uma obra onde, de imediato, se vê que aqui existe, e esse é o outro elemento fundamental dessa síntese que é Belo Horizonte, que é a criatividade.

Aqui há, portanto, um espírito de lógica, desejou-se fazer a cidade. Aqui há emoção, gostou-se da cidade que se fez. Mas aqui há, também, aquilo que é essencial, que é o que projeta Belo Horizonte no próximo século, como a projetou desde o século passado neste, que é a imaginação. E esse elemento é fundamental para que se possa, realmente, transformar num amálgama positivo aquilo que é a vontade da decisão imediata, da decisão planejada, com aquilo que é a adaptação da sensibilidade e da vivência que transforma a geografia e transforma os propósitos em alguma coisa que tem um sentido simbólico maior, que se perpetua porque se projeta, pela imaginação, um futuro melhor.

E nesse projeto, feito pela imaginação de um futuro melhor, simultaneamente, o que acontece é o que aconteceu aqui, em Belo Horizonte: é que pouco a pouco a cidade se transforma noutra coisa e, de repente, a cidade passa a ser, disse também o Prefeito, população organizada e também desorganizada. População que vive, que demanda, que participa, que pressiona, que não se contém nos limites do possível mediato e deseja que se faça já o que se está sonhando para fazer amanhã. Certo.

Os que governamos sabemos que não dá para fazer já o que se deseja para o amanhã. Mas se não houvesse aqueles que ficam pensando no amanhã e cobrando hoje, talvez, o impossível, não haveria possibilidade de o amanhã ser melhor do que o presente, que é um presente que ainda constrange, como aqui também já foi dito, por muitos setores, sobretudo na área social, que não puderam ainda dar a expressão inteira dessa vivência e dessa emoção, que gostariam de fazer com que essa relação de convivência na cidade fosse, efetivamente, uma relação que permitisse a todos um mínimo de bem-estar, que é o que nós precisamos fazer, faremos e temos empenho nisso, mas só podemos fazer se, efetivamente, compreendermos, como aqui se compreende, que essa projeção de futuro, essa imaginação de uma cidade ainda melhor, mesmo que ela venha sob a forma desordenada do protesto ou da demanda, é essencial para que nós possamos continuar tendo as nossas cidades com a liberdade, com a convivência, com o prazer de viver nelas e, por que não dizer, cidades desafiadoras. Porque, quando nós não nos deparamos com o desafio, não há nenhum avanço.

Por todas essas razões, quero, sinceramente, de todo coração, não só como Presidente, mas como pessoa, dar um abraço muito profundo em todos os belo-horizontinos e em todas as belo-horizontinas.

Quero agradecer as palavras do Prefeito, quero agradecer as palavras do Governador. Quero lhes dizer que o repto feito pelo Prefeito e que, certamente, é o espírito do Governador, de que a convivência, a tolerância, a discórdia têm que se dar dentro dos marcos da democracia e de uma relação pessoal, de uma relação humana, positiva, é algo que é essencial à democracia. E quero dizer que, aqui, em Minas, nós encontramos isso. Aqui, em Minas, nós vemos, efetivamente, a possibilidade já se transformando em realidade de uma convivência democrática, que tem feito o progresso de Minas, que está fazendo o progresso de Belo Horizonte.

E quero dizer a todos os Senhores que o que estiver ao meu alcance, enquanto for Presidente da República e, mais tarde, como cidadão participante, vão sempre contar comigo para aquilo que for positivo, para que essa tradição de um século já se perpetue, para que nós possamos continuar, pelos séculos afora, com grande orgulho, como brasileiros, de termos Belo Horizonte como uma cidade que é farol do Brasil

Muito obrigado aos Senhores e às Senhoras.